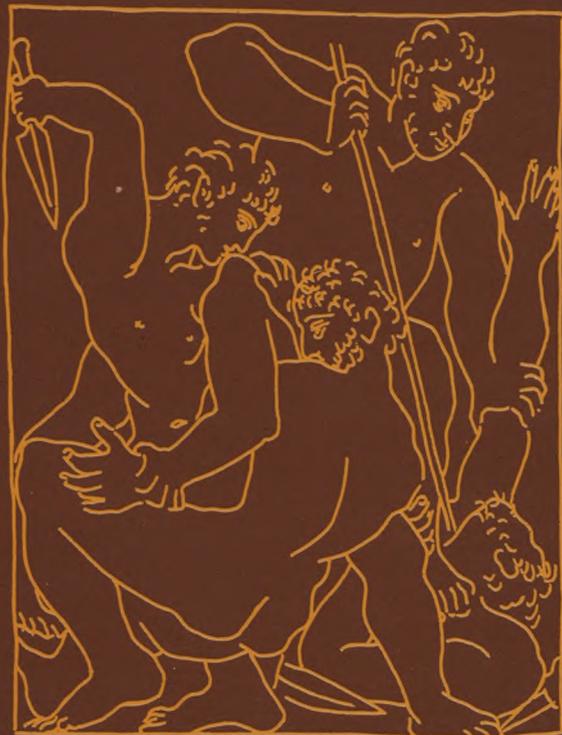


REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 7

# REVOLTAS e REVOLUÇÕES

\* \*



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1985

## Recensões

maior representante e o mais activo defensor da doutrina e da vida de Eck. Como escreveu há anos o autorizado historiador da Igreja, Hubert Jedin, hoje, à distância de 400 anos, possuímos um conhecimento mais perfeito de Lutero e da sua teologia do que os seus contemporâneos. Iserloh desenvolve ao longo do livro os pontos fundamentais da personalidade de Eck, que se revelou no séc. XVI como um dos expoentes máximos da Reforma católica. Aliás, esta obra relaciona-se com outra de que é editor o mesmo Erwin Iserloh e ainda Vincenz Pfnür e Peter Fabisch, obra essa intitulada *Johannes Eck: De sacrificio missae libri tres* (1526) e publicada em 1982 pela referida Editora Aschendorf de Münster na série «Corpus Catholicorum», vol. 36.

Neste tratado Eck desenvolve o tema da missa de forma diferente do que se verifica em *Enchiridion locorum communium adversus Lutherum* (1525) e noutros livros do autor, defendendo sempre, contudo, a ortodoxia tradicional à luz da Sagrada Escritura, dos Santos Padres e dos teólogos medievais.

Ainda sobre Johannes Eck é de assinalar o aparecimento recente de *Ecclesia militans* por Wilbirgis Klaiber na mesma Editora e no dito ano de 1982. O atrás mencionado Erwin Iserloh escreveu sobre Eck um artigo na *Theologische Realencyclopedie*, obra que está a ser editada pela Walter e Gruyter (Berlin-New York). E Walter L. Moore, por seu turno, escreveu «Doctor Maximus Lumen Ecclesiae. The View of Augustine in John Eck's Early Writings», em *The Sixteenth Century Journal*, vol. 13, n.º 2, 1982, pp. 43-54, no qual tenta demonstrar o papel do pensamento augustiniano na teologia de Eck a partir de 1514 e a disputa de Leipzig à luz da ênfase de perspectiva divergente em relação ao bispo de Hipona.

*Manuel Augusto Rodrigues*

Karl Hengst — *Jesuiten an Universitäten u. Jesuitenuniversitäten*. Col. «Quellen u. Forschungen aus dem Gebiet der Geschichte. Neue Folge», vol. 2. Paderborn-München-Wien, Schöningh, 1981. 425 p.

Até ao momento não existe uma obra de conjunto sobre a historia das Universidades alemãs desde os finais da Idade Média, o que não significa que não tenham surgido importantíssimos livros sobre cada uma delas em particular. A influência da Companhia de Jesus foi muito significativa, como se sabe, e isso principalmente numa época em que os ideais humanis-

ticos e as reformas se faziam sentir com enorme peso. O trabalho de Hengst é uma tentativa altamente louvável de mostrar que o papel das Universidades jesuíticas e dos padres da Companhia nas Universidades se revelou deveras importante. O autor limita-se ao período do absolutismo confessional e às regiões da Alemanha setentrional e do Reno. No desenvolvimento que faz ao longo do livro o autor esclarece vários pontos, utilizando prevalentemente fontes do Arquivo da Companhia de Roma. Os diversos capítulos da obra abrangem temas candentes como a estrutura e a organização do plano de estudos da ordem, para, a partir daí, passar a referir a influência exercida sobre as disciplinas e as Faculdades de Filosofia e de Teologia, quer da Igreja quer estatais. A segunda parte trata das Escolas Superiores confiadas à Companhia. 12 mapas no fim do livro e 34 documentos ilustram admiravelmente esta obra.

*Manuel Augusto Rodrigues*

*The Renaissance. Essays in Interpretation*, London-New York, Methuen, 1982. 336 p.

Este conjunto de nove estudos dedicados à Renascença e consagrados à figura de Eugênio Garin, um dos nomes mais célebres da história do pensamento do séc. XVI, foi publicado primeiro em italiano (Roma-Bari, 1979). Também os autores dos trabalhos incluídos na obra se têm evidenciado como mestres altamente qualificados da época quinhentista que se impuseram pelo seu saber e larga experiência. São eles: Denys Hay, Walter Ullmann, Charles Trinkaus, Paul Oskar Kristeller, Nicolai Rubinstein, Cecil Grayson, André Chastel, Marie Boas Hall e Charles B. Schmitt. Os assuntos abordados com profundidade e clareza apreciáveis incidem sobre a historiografia da Renascença durante o último quartel que a iniciou, as origens medievais da Renascença, o tema da «humanistas» (que engloba a «dignidade» e a «miséria» do homem), o lugar da Renascença na história do pensamento filosófico, um panorama das teorias políticas aparecidas então, o terreno da história literária (embora reduzido à Itália) e o das artes (com uma análise da aspiração à beleza, princípio universal de uma actividade que enforma toda a natureza — «natura artifex» —, sendo os dois últimos estudos consagrados à actividade científica, quer no respeitante à filosofia quer no tocante ao ensino nas Universidades italianas.

*Manuel Augusto Rodrigues*